"Freedom"
Freedom Press, 127 Ossulston St
Londres — Inglaterra

ANNO II

NUMERO 97

A HORA SOCIAL

Recife, 24 de Dezembro de 1920

Redação e officinas:

Praça do Carmo 107

Endereço Telegraphico: "HORA"

ORGAM DO POVO E PARA O POVO

A tyrania da palavra

O homem é o escravo de sempre. Escravo da natureza, elle mesmo vae espalhar na confusão dos preconceitos e dos symbolos a teia complicada, de que na graça das con tradições, elle forceja por se libertar depois

Escravidão sublime! que inspira a lucta, e promette a victoria. A mão natura farta de vida e de dominação, entregou ao homem o seu segredo, e no alquebramento de sua velhice lhe vae pedir o estimulo e o colorido das novas attitudes.

Escravidão dynamista! o homem cada dia despreza o que amava hontem. E' o artista que na sêde tentadora de idéal, adormece no sonho lindo de uma affirmação nova. E'uma compensação harmoniosa do passado, do presente e do futuro.

O homem é a revolta eterna contra o que foi, e na «rêverie» do presente elle esboça um indefinido, que no futuro seja um passado todo seu. O instincto conservador é uma funcção inexpressiva e desalentada de pura repetição, e a vida, que em si é uma synthese creativa, de effeito se torna causa, fazendo emergir por sua vez todo um mundo de aspectos novos, num delirio caprichoso de invenções...

Instabilidade esplendida, que faz querer bem à vida. Que seria o homem numa eterna repetição de si mesmo! As cousas na simplicidade das suas revelações lhe ensinaram sempre a mudar, e elle proprio é o filho supremo das transformações. Os seus desejos se fecundam numa ansia incontida de crescer, e as suas ideias vibram um rythmo cada vez mais forte e mais vivo. Como poderia então o homem se resignar a um passadismo asphyxiante?

Almas candidas tomem o nosso "movimento", destruidor do passado, queimador das tradições.—Oh homen da Revolução! como podeis querer supprimir este presente, museu precioso dos habitos e dos pensamentos, que outros homens nos legaram? Isto é santo, e nós devemos transmittil o intacto e bom, como o recebemos. O que foi é o que nos deram, não queiramos mais.

E' essa a confusão do estylo de hoje. São palavras e mais palavras, m lhe colossal que deprime o pensamento.

O passado não é só o que passou. O futurista de hoje è mais passadista que qualquer conservador. O primeiro quer se fazer um passado seu; o outro é o indolente que pede e que não tem o sentimento da retribuição. Elle justifica a sua preguiça pela submissão absoluta, que lhe vae roubar a expontaneidade creadora.

Rectificae então e não nos chameis futuristas. Em compensação, para não perderdes o vosso nome, sedizentes passadistas! vinde comnosco trabalhar um passado novo.

Passadistas, sabei que a Historia é uma superposição fecunda de passados, e os homens da Revolução têm sido os eternos fazedores d'Ella. Escutae bem, é o presente que trombeteia para a lucta, a que faz despertar do somno entorpecedor para a vida nova.

Ricardo José

TRECHO ESCOLHIDO

Na sociedade que pela nossa propaganda procuramos alcançar, a propriedade privada terá desaparecido, e desaparecido estará tambem o principio de autoridade, posto que uma coisa implica a outra. Lutamos pela igualdade, no sentido de abolir-se a casta de exploradores, para que, consequentemente, abolida fique a situação de explorado. Lutamos pela justiça, aceitando integralmente o principio de que só tem direito a comer quem trabalha na esfera da sua ctividade, salvaguardada a insuficiencia fisica, em todos os seus aspectos. Lutamos pela verdade, procurando elevar a consciencia moral de cada um, tornando impossivel o egoismo, mostrando o vicio na sua desmascarada hediondez, pondo na hipocrisia o manto ignominioso que lhe compete.

Palavras que devem ser lembradas

Jacques Sadoul, em suas admiraveis notas sobre a Revolução Bolchevique, revela um poder extraordinario de previsão, que elle sabe admiravelmente revestir da graça de um estylo forte e intencional.

Uma carta de 25 de Julho de 1918 é, sem a menor duvida, o mais sympathico e o mais sincero documento, que se haja escripto sobre as affirmações creadoras dos revolucionarios russos. A convivencia dos bolcheviques e o estudo acurado dos seus actos elevaram-no áquela precisão e justesa de conceitos, que, por desgraça, desacompanharam sempre os galantes e ineptos representantes da burguezia avida e confusa.

Os periodos que se vão seguir, demonstram á evidencia as nossas affirmações.

Eram por esse tempo os 25 de Julho, e quanta borrasca não tinha de afrontar a Democracia Nova. Nem por isso Sadoul confia, as suas palavras são uma sentença linda, que nós devemos archivar nas paginas largas da jurisprudencia revolucionaria.

E' bom de repetir essas palavras quando os abutres ainda se prendem nos arrancos das ultimas tentativas...

Escutae-as bem, camaradas, o inverno russo ja vem para dar mais força á Revolução, para que depois a Humanidade possa solver uma primavera humana mesmo.

«O povo russo, senhor esplendido dos seus destinos, confia... Eu tambem confio. Não sei até onde irá a sua pertinacia. Bem certo que irá muito longe, muito alem donde chegaram outros povos, que se partiram antes deste para a conquista do Ideal.

Seja qualquer o premio deste Esforço, e evidente que todo democrata, todo homem digno deste nome, se deve inclinar com respeito diante da construcção admiravel emprehendida por este grande povo idealista e mystico, ignorante e ingenuo, enthusiasta e avido de justiça, que se não pode conhecer nem amar, dominando com toda a sua infinita bondade os barbaros cultos que o insultam e desprezam tolamente, para alcançar e ultrapassar, em uma rapidez abysmante, o estadio de civilisação das nações burguezas, para fazer emergir com o seu pensamento, com os seus braços e o seu sangue uma civilisação nova de Fraternidade. E' evidente que nenhum ser verdadeiramente humano possa negar o seu concurso, o apoio das sas suas forças e o seu coração, a esses bons obreiros de uma Humanidade mais perfeita».

Esta confiança teve plena razão, lh'a deu o Tempo. O inverno russo está consentindo o preparo de novas forças; o inverno das nossas lagrimas e das nossas dores nos deve alentar tambem.

Quando a primavera russa chegar, animemo-nos, escravos do Occidente, a ir conquistar com o sangue que alheias mãos vão derramando, a nossa Primavera.

Os camaradas russos trabalham para que a sua primavera possa tambem ser a Primavera da Humanidade. Então o inverno russo ficará como um symbolo emotivo da conquista que se fez, e as nossas lagrimas e as nossas dores, o inverno humano, serão tambem o symbolo supremo da Victoria Humana.

Não vos incomodeis por uma bandeira, pois que ela não é mais do que tres tiras de pano suspensas na ponte dum pau.

J. Simon.

Comités pro "HORA SOCIAL"

REUNIR!

"A Hora Social", orgão que é dos trabalhadores, está em crise. Esta crise, nós o sabemos, é symptomatica: revela em alto gráu a crise tremenda em que se acham os trabalhadores.

Mas, é preciso convir: si imprescindivel á manutenção da vida é o pão material, não o é menos o pão espiritual, pois que o homem tem a satisfazer outras necessidades que não só as do estomago.

E "A Hora Social" offerece aos trabalhadores esse alimento de que carecem para o desenvolvimento de sua intelligencia e moralidade.

Não pode pois morrer "A Hora Social", porque não pódem igualmente morrer o espirito de lucta e a ancia de progresso que caracterisam o obreiro moderno.

O appello por nós feito aos libertarios e sympathisantes não foi em vão: a esta redacção teem chegado manifestações diversas de solidariedade, que nos confortam e animam a proseguir na ingente campanha, em que entrámos resolutamente.

Assim é que já se acham formados tres «comités», assim localisados: «Comité» no. 1, no Recife; «comitê» no. 2, no Cabo; «comité» no. 3, em Campo Grande (Recife).

Esses «comités» e os que se forem organisando, deverão entender-se o mais cedo possivel com o «comitè» director da "Hora", notificando a sua fundação e communicando outras providencias postas em pratica em beneficio deste orgão.

Cada membro do comité local deve concorrer cada semana com uma quota qualquer, contanto que seja certa.

Os membros do «comité» no. 1 resolveram que a quota de cada um delles fosse de 1$000 por semana.

Essa quota todavia não deve ser fixa, mas de accordo com as possibilidades de cada qual, isto é, 100, 200, 300, 1$000, 2$000; etc.

Vamos, camaradas, á acção!

Salvemos "A HORA SOCIAL"!

Versos a um cão

Todos fogem de ti, oh velho cão leproso
Que vives a tossir como um tuberculoso

Pela estrada, sosinho, ao Sol, á chuva, ao frio,
Muitas vezes com sede e estomago vasio,

Tendo no olhar febril, bailando, uma anciedade
Infinda de morrer...... Odeias a cidade

Onde o luxo dos cães tratados com carinho
Torna inda mais patente o teu viver mesquinho

De pobre cão sem dono, humilde, desgraçado,
Que vive a mendigar um misero bocado.........

....

Como tu, ha tambem um povo que padece,
Que nasce na miseria e na miseria cresce,

Sem conhecer na vida um só momente, um só
O que seja PRASER. Até me causa dó

Vel-o continuamente a trabalhar, coitado,
Sem direitos, sem pão—ETERNO CONDEMNADO—

Escravo da torpesa e da selvageria,
Deste abutre voraz, chamado—BURGUESIA—

....

Este povo, sois vós, obreiros, camaradas......
Uni-vos, levantai as santas barricadas

A batalha final, contra o monstro tyrano
Que explora o braço, a terra, e o pensamento humano.

Claudio Santarém

NATAL RUBRO

A humanidade christã e burgueza commemora no proximo dia 25 o nascimento de Jesus Christo.

E' uma festa eminentemente democratica, dizem: Não contestamos. Por ser isto mesmo é que não tem ella a nossa solidariedade. Aquelles que desconhecem a lucta de classe, podem fraternizar nesse dia; nós, não: somos inimigos do Christo Branco, do Christo Borguez, do Christo que tem no papa o seu procurador na terra e que mercadeja com os direitos das almas, monopolisando o purgatorio.

Não é portanto para nós outros, proletarios, camaradas do Christo Vermelho, o privilegio das *boas-festas*. Boas festas não ha para a familia proletaria, que só conhece desgostos, privações, tristeza.

Em nome do Christo Branco são presos e maltratados os nossos entes queridos, invadidos e assaltados os nossos miseros lares. *Papai Noel* não traz brinquedos nem dôces para os nossos filhinhos, que, coitados! só teem de festa a má visita e as pavorosas caretas da Fome,—esta bruxa horrivel.

Dspois o nosso camarada Christo do syndicato dos Carpinteiros, como todo libertario sincero, não deve ligar toda essa importancia á data do seu natalicio na terra. Poucas saudades deve elle ter deste mundo, onde, accusado de pregar doutrinas subversivas, foi pelos Adolpho Gordo de sua epoca condemnado á mais estuqida morte, soffrendo antes os maiores supplicios e ultrajes.

O nosso camarada, superiormente bem, infinitamente piedoso, chora inda hoje, lagrimas de sangue, pezaroso de ver tantas familias sem pão e sem esperança, desumanamente sacrificadas á voraz ambição do deus Capital, que tem no Christo Branco o seu alliado mais forte.

A Carestia da vida

(DA BATALHA)

Remédios de botica

«Rouba o mercieiro, rouba o mercador, rouba o droguista, rouba o padeiro, o retrozeiro, o ferrageiro o vidraceiro, o taberneiro; rouba o senhorio que aluga o predio, rouba o inquilino que aluga quartos. Rouba tudo minha gente. Outrora negociava-se: era o governo da vida, hoje rouba-se: é mais produtivo, mais rapido e mais cómodo. Alem dos aonsumidores, os maiormente prejudicados com esta situação teem sido os gatunos profissionais, pela abundancia de concorrentes, que não só os ultrapassam em destreza como ainda se abrigam em situações legais inatacaveis.

Pois mestre boticario acompanhou os seus colegas do *comércio*: adoptou a mesma tatica e, em cada dia faz subir sensivelmente, os produtos de seu negocio. O que hoje custa dez custara' vinte a'manhã. Tem a gente uma dôr de cabeça e vai a' farmacia verificar que o preço do piramidon é.. piramidal. Ninguem hoje pode estar de perfeita saude, pela irregularidade funcional provocada pela dieta a que a carestia obriga todos. Mas não se pode igualmente estar doente, porque é preciso juntar dinheiro um ano para comprar se um simples sinapismo».

La', em Portugal, como ca' no Brazil, como em toda parte, o symptoma é o mesmo.

O amor da patria é uma mistificação.

Afonso Karr

Não, este natal que por ahi festejam não è o nosso; o nosso tem outras claridades e outra significação; é o natal dos opprimidos, dos famintos, dos expoliados; é numa palavra a Revolução Social,—o natal rubro, o natal proletario.

Só, então, dar-nos-emos *bôas-festas* e seremos, cordialmente, fraternaes.

Euno.

Acção Syndicalista

Syndicato dos Marceneiros

Convidamos todos os associados especialmente os que se acham em atraso a trazerem suas cadernetas para serem vistas pela commissão.

Outrosim, convidamos os camaradas da "Serraria Constructora", para a proxima reunião.

AVISAMOS aos camaradas, que tenham cuidado com algumas subscripções que estão sendo feitas sem nenhuma autorisação do syndicato.

Prestem attenção os camaradas incubidos deste cargo, pois estão sendo lesados.

A COMMISSO EXECUTIVA.

O genero humano durará sempre a patria deve acabar.

Diderot

UM APELLO AO PROLETARIADO

Rio de Janeiro, 1 de Dezembro de 1920.

Aos camaradas Redactores da "Hora Social"

Fraternaes Saudações

Tendo esta Federação recebido um officio da "FEDERATION INTERNATIONALA DES OUVRIERS DU TRANSPORT" cuja traducção aqui vai incluida e cujo original fica a disposição de quem quizer verifical-o, pedimos a publicidade do mesmo bem como do seguinte protesto feito por esta federação em sua reúnião de 26 do corrente.

«A Federação dos Conductores de Vehiculos ao tomar conhecimento da communicação abaixo, protesta vehementemente contra mais um dos muitos ignobeis attentados praticados pelo terror branco da Hungria condemnando á morte o camarada «José Glatter» pelo «crime» de soccorrer camaradas indigentes.

Appellamos para todos os demais trabalhadores, para a imprensa e para o publico em geral que secunde este nosso protesto para evitar sendo possivel, a consumação de mais esse monstruoso crime.»

(assig) O Directorio

Com os meus antecipados agadecimentos desejo-os Saude e Evolução Social

O secretario

Antonio Pinto da Moita

Segue-se o officio acima referido:

"Federação Internacional dos Operarios em Transportes"

Amsterdam, 1 de Novembro de 1920

A's Organisações de Operarios em Transportes e as Organisações de Ferro-viarios em todos os paizes.

Camaradas

Acabo de receber o telegramma seguinte, assignado pelos membros da directoria da "Central dos Ferro-viarios da Austria:

Pedimos comuniqueis o que se segue a todas as Centraes filiadas e que nos sustenteis, effetivamente neste caso, com a vossa solidariedade Internacional

Nosso collega hungaro José Glatter ex-presidente da Central Hungaro dos Conductores de Locomotivas foi condemnado pelo Tribunal Excepcional, ao «enforcamento» por ter soccorrido camaradas indigentes.

Ha algum tempo já, foi José Glatter atirado á rua, do segundo andar de um predio, por soldados do Almirante Horthy.

Em consequencia dessa queda ficou gravemente ferido.

Nós outros, camaradas austriacos, pedimos-vos em nome da solidariedade profficional, protesteis com insistencia junto aos vossos governos, afim de que, em nome da humanidade, seja suspensa a execução da sentença."

Apresso-me em levar ao vosso conhecimento o pedido dos nossos camaradas austriacos, e peço vos empregueis no vosso paiz toda a vossa influencia, afim de obter pela publicação na vossa imprensa, dessa prova recente do «terror branco na hungria», assim como pelas reclamações e protestos junto aos vossos governos, que o governo hungaro seja forçado a renunciar ao seu projecto de adduzir uma nova victima aos milhares já massacrados.

Solicito-vos portanto que inicieis incontinenti todas as providencias, que vos parecerem reatisaveis e uteis, no interesse do nosso camarada hungaro, e que me communiqueis tudo o que tiverdes feito em seu favor.

Apresento v s caros camaradas, minhas saudações fraternaes.

Pela F. I. C. T.

(assig) Edo Fimmen

Secretario

TRIBUNA FERROVIARIA

Aos ferro-viarios do Nordeste

O trajico acontecimento que teve lugar entre os dois jovens operarios, Benjamim e Jehovah deve servir de exemplo para afastar de nosso meio, de nós mesmos essa falta de moral que trazemos de nossos primorclios. Não devemos esperar sermos forçados a tomar outro rumo, por circumstancias imperiozas, se quizermos tomar parte no grande banquete para o qual estamos sendo convidados! Torna-se necessario, inprescindivel, começarmos a ensaiar os principios elementares da civilização; deve-se tomar em atenção, que os poderozos satisfazem-se com essas quedas no elemento operario; a imprensa burgueza ridicularisa-nos; a policia tem ocasião de exercer a sua fatidica incumbencia; e a Fraternidade, por que tanto clamamos, foje entrestecida por ser constantemente sacrificada!

Segundo as noticias, esses jovens operarios contando apenas 19 annos, em os quaes os veteranos da luta libertaria depositaram as suas esperanças, acabam de se precipitarem num insondavel abismo, onde não encontrarão a mão do interesse politico calcando na balança da Justiça, nem e bafejo que inutiliza pelas conveniencias, porque ainda estão fora das suas esplorações!

No entanto, abriram fundos sulcos de humilhação, na estrada por onde tem de caminhar um velho pae ou mãe com es olhos lacrimosos, a vós tremula, feições contrahidas, pedindo suplicando, um recurso, isto com um; enquanto que o outro, deixa talvez, imersa em profundas saudades uma velha mãe, banhada por uma caudal de lagrimas, pois que alimentava a confiança de não ser envolvida em tres metros de madrasto, por lhe faltar o amparo na hora estrema de sua existencia!

Analizemos concienciozamente esse trajico fato, e havemos ver, que ainda não se cojita de estabelecer-se a Fraternidade! E tanto assim é, que o caso não se passando somente entre o s t r e s, os outros consentiram que a questão chegasse ao azedume, naturalmente para se ver, como nos antigos espetaculos, quem de mais força fisica dispunha, comparando se ás brigas de galos ou de canarios, e quando um se tornava em assassino, e o outro tombava sem vida, é que se resolveram intervir, entregando um, e carregando outro já cadaver!

Operarios! como queremos chegar ao alto, como aconcelha Max-Nordau se decemos do nivel da moral que devemos cultuar!

Cumpre-nos, uma vez que não recebemos a educação que devia vir dos dirigentes do paiz, como bem diz Marcial Vieira no seu livro—Lategos e exortações=ensaial-a por nós mesmos! O operario, deve ver em seu companheiro, um irmão do infortunio; dividir com ele as suas alegrias uma vez que o infortunio divide as suas dozes! As mãos calozas do homem do trabalho, devem tocar-se no massimo do sentimento de simpatia, e nunca tremula de odio. O operario não deve ver no seu companheiro quando maltrapilho, se não uma victima da esploração capitalistica. A vida do operario, quer pelo lado monetario, quer pela posição que oxcupe, não tera' establidade, enqueanto não se fizer sentir o alvião do pogresso manejado pela Revolução; e por isso em lugar das rivalidades sem importancia, tratemos de fujir dessas situações que creamos, e que retarda o calor do alcondorado Sol da liberdade, e a vinda da almejada pazentre os homens. Faço minhas as palavras de Almicare Cipriani—Querem a Paz? Ensaemol-a entre nós, para termos a força de batermos os nossos inimigos com as suas proprias armas.

Algapauma.

AGORA?

Quando enviámoe as nossas cartas de convite a todos funcionarios Ferroviarios, para que se unissem á associação que se organisa, tivemos como resposta as mais engraçadas evasivas cheias do mais fundo orgulho.

Um disse-nos que estava estudando para bacharel e por isso não podia colligar-se comnosco; outros, não acceitaram, porque não faziam alvo em demorar-se no serviço da Cia., outros eram privados pelo seu credo religioso que se oppunha a todo movimento de resistencia; outros, não comprehendiam bem o que queriamos, apezar de termos escripto numa lingua escolar; outros, porque confiavam na acção do Governo que bem cuidava dos interesses do povo, sem ser preciso interferencias sociaes outros riam-se da nossa insensatez em convidal-os, e outros enfureceram-se pelo nosso atrevimento; sendo que um, nem ao menos se dignou a assignar a resposta.

Porem, não contavam que o Diabo tem uma das mãos furadas! Entregaram-se ao somno de "uma absoluta confiança, não quizeram abandonar o orgulho que estabelece uma linha divisoria e agora, os Deuzes particulares aborrecidos com tantas *demonstrações de apreço*, tudo confundiram no mesmo plano, altos e baixos!

Quantas vezes esses que se recuzaram em acceitar o nosso convite, não commentaram de nós com as mais profundas diatribes, chamando-nos de ignorantes, mal educados, canalhas, etc.! Balouçando-se ao impulso das mansas brizas, não sentiam que essas mesmas brizas roiam os punhos das suas redes de pennas!

Quando menos esperavam, são bruscamente despertado por uma grave queda; a completa suspensão dos passes, até mesmo os privilegiados.

Oh Diabo! Como pode isso succeder? Como? Vamos ser obrigados a pagar uma passagem por inteiro, nós futuros bachareis, engenheiros, commerciantes, nobres, futuros homens da patria e da politica? E o que é do nosso direito de ha tantos annos como empregados, pagarmos passagens por metade?

E nós a canalha que ja estamos acostumados a soffrer desses revezes, erguemos os nossos olhos e gritamos: AVE CEZARES! Reuni agora nossos conceihos, cingi as vossas frontes com diademas correspondentes aos vossos pergaminhos e agi. O Governo embora Governo, começa a ver, que não é o desgraçado operario, o immundo, o farrapilho, quem lhe abate os totaes de seus orçamentos!

Se estivessemos unidos, que sublime campanha sem pau nem calhau haviamos de encetar junto aos poderes para rehavermos o que nos tiram!

O orgulho porem predominou, e agora? Tão abatidos quanto a canalha! Realmente contundidos!

EUCLYDES

A MENTIRA

A ultima solucção do problema social deve ser: realizar o ideal mais sublime da sociedade. Se os que estão em posições elevadas não querem ser rebaixados, os que estão em baixas condicções devem ser elevados e erguidos.

Salomão Ginsburg

A Republica não dá garantias ao direito, nem a liberdade, nem a vida; é um syndicato de oligarchias.

Barata Ribeiro

Em 1880, na França, conta um periodico daquella epocha, que alguns officiaes de marinha, collocaram em suas camaras, tres quadros muito significativos. O 1o., representa um cão solto e furioso tendo abaixo a palavra LIBERDADE.

A liberdade,—diz P. Janet, é sagrada; é esse o fundamento do direito. Quem quer que impeça a liberdade vae de encontro a nalureza das couzas.

O homem não podendo ser tratado como um «meio», ninguem pode servir-se delle como cousa; porque em tal caso seria destruir a sua essencia constrangindo ou violentando a sua liberdade.

O cão solto e furioso tomado como emblema da liberdade, está mal figurado; porque quem tem liberdade tem direito e consequentemente deveres.

Somos filhos de uma mesma mãe a Natureza; somos uma só familia, portanto, irmãos: para sermos bons irmãos devemos evitar o egoismo, como diz Sivio Pellico; pois com esse egoismo, não só não damos prazer, como fazemos soffrer aos outros, proporcionando-lhes a miseria e a corrupção.

Esse egoismo, é o que constitue a negação dos deveres, de homem a homem; é a fonte da vaidade, sentimento brutal e insolente, inimigo da altivez, justo sentimento que tem o homem de sua dignidade.

E' esse egoismo, essa vaidade, quem gira a fatuidade que empolga os espiritos orgulhosos, apagando-lhes no cerebro a consciencia de si proprios, a não ser a de alcançarem se ao poder por qualquer meio, e de lá, exercerem toda violencia com o direito da força contra a força do direito onde se apoia a LIBERDADE.

E' o que podemos ver no cão solto e furioso. Elle antes representa a força, de sentinella, a dar alarme, para que o direito não passe. Elle apresenta a liberdade não consentindo que se tenha liberdade.

Se o cão, embora solto, estivesse em posição de calma e attenção, comprehendia-se a liberdade vijiando a liberdade, para que sejam observados os deveres do homem para o homem mas furioso, representa não a liberdade, sim o direito da força. O cão, é o simbolo da vijilancia! Prisioneiro durante o dia, tem liberdade a noite, não para gozal-a, para melhor vijiar os cabedaes do seu senhor, e ai daquelles que delle se aproxima, porque enfurece-se, e accomette ao temerario ainda mesmo que seja um transuente. Logo, elle representa a mentira dessa propalada liberdade. Se temos a liberdade não temos garantias se temos a liberdade não podemos pratical-a

E' uma das mentiras bem representada pelo 1o. quadro.

No proximo numero falarei sobre o 2o. quadro.

Lacroil.

União Ferro-viaria do Nordeste

DEPARTAMENTO DE PALMARES

Para boa ordem desta associação, faço sciente aos senhores associados que, a bem de seus proprios interesses devem observar com muita importancia o disposto do art. 18 capitulo VI dos nossos Estatutos, que se refere ás quotas mensaes. Precisamos incrementar a nossa associação e sem as respectivas quotas nada podemos adiantar.

Francisco dos Santos Filho

DELEGADO

FOLHETIM DOS FERROVIARIOS

IIIV

OS EXPLORADOS

POR ALGAPAUMA

A GUIZA DE PREFACIO

Esses elementos são em diminuto numero, porque, a alma de um povo é bi-corporea na accepção symbolica da palavra. A margem os indifferentes a maioria congrega-se, ou na revolta, ou na legalidade de seus inconfessaveis direitos. Deste lado, amparam se na Lei que rarissimas vezes tem o seu valor entre elles; por isso que é cheia de falhas; e daquelle amparam-se na pena de Talião, olho por olho dente por dente. E' o unico poder vital das revoltas, visto que tem nascimento na falencia do direito que a mesma lei estatue, abrindo mãos mais das vezes para protejer um criminoso só porque é ou tem elementos poderosos para impor o silencio ás massas que soffrem.

Não é de agora as distribuições de galardões aos que se curvam voluntariamente. Muitos são forçados a essas curvaturas indignas de um "Clow" que está indisposto a fazer rir um auditorio. O maior numero esta de envolto aos seus gananciosos interesses e por elles se batem furiozamente trazendo na vanguarda de seus exercitos o servil egoismo. Fazem o calculo das offerendas a receber, quer monetariamente, quer em posição que o destaque que o colloque no pinaculo de onde dimana o poder sobre aquelles que trabalham para eleval-o. E' a arma favorita dos que pizam, dos que desbaratam, quando aparecem elementos que se propõem a escutar a destruição do proprio nucleo a que pertencem; nem ao menos é um intromettido de ultima hora; quasi sempre é um iniciado que conquistou confiança. E' um general que veio da tarimba, por isso que é senhor das manhas dos tarimbeiros.

Agora, depois de cheios os alfojes, —com as gratificações que acintosamente exibem, vamos acompanhal-os nos galardões e medalhas que lhe pendem do peito. O tempo se encarregará de mostra-nos o reverso. Os palmipedes augmentam com as pragas que se lhe atira.

A seguir

GRANDE FESTIVAL

Foi transferido para o mez de Janeiro do anno proximo vindouro, o espetaculo que devia ter sido realizado em Novembro passado no Theatro Livramento como foi annunciado, em beneficio da HORA SOCIAL.

O motivo, foi o corpo scenico que devia tomar parte no dito espetaculo achar-se em ferias, assim nos communicou a directuria que de boa vontade nos sedeu o Theatro.

A Commissão

Os Chauffeurs

Realizou-se em dias da semana ultima com grande brilho, uma solemnidade commemorativa da fundação do Centro dos Chauffeurs.

Nesse mesmo dia foi empossada a nova directoria.

A HORA SOCIAL, correspondendo a um attencioso convite, fez-se representar.

Fazemos votos para que os companheiros Chauffeurs caminhem um pouco mais para a esquerda, rompendo de vez com a burguezia.

AS NOSSAS LETRAS

A Batalha

Tenho, batalhador, minhas falanges,
Meu exercito fiel—hoste sonora!
Tenho lanças, arpões, chuços, alfanges,
E espadas que floreio de hora em hora.

Vinde inimigos meus! Tu que, mal, tanges
O verso; tu que apoias ao que explora;
Tu que almas simples, num altar, constranges
A adorar sombras fúteis! vinde agora!

Desfarei, com a razão, vossa impostura;
Refugarei as vossas pantomimas,
Revelarei vossa ambição impura!

Vencer-vos-ei, pedantes e perversos,
Com as trombetas marciaes das minhas rimas
E os esquadrões cerrados dos meus versos.

José Oiticica.

Arte e Revolução

O homem vive primeiramente de pão, mas não é só de pão que elle vive: assim pensam os revolucionarios sociais. Mas, em geral, aos revolucionarios escasseiam o tempo e os recursos mesmo para tarefas mais urgentes e essenciais, para a conquista direta do pão e da liberdade. Em materia de arte são obrigados a contentar-se com a que lhes fornecem as empresas mercantis.

No entanto, a arte, nas formas superiores, é verdadeiramente revolucionaria, mesmo sem tese preconcebida, sem preocupações subversivas, e não sómente por afinar o sentimento.

Sem educação tecnica nem artistica, o homem do povo e' incapaz de compreender as mais belas obras e refugia-se nos espetaculos mais ordinarios, seguido pelo desdem dos superhomens.

Mas tentai e retentai, sem intentos financeiros, essa educação que lhe falta, incitai-o, fazei apelo aos seus melhores sentimentos, explicai-lhe previamente as obras de arte, interessai-o por elas, afinai-lhe gradualmente o gosto, e ele acudirá ao vosso chamamento e em breve trocará, deliciado, os guisados requentados e sebosos pelo mel suavissimo do Himeto. As suas preferencias passadas parecer-lhe-ão abominaveis e vergonhosas.

E tornar-se-á então mais consciente a sua revolta contra a injustiça social, que mergulha a grande maioria na miseria, na abjeção e na ignorancia, proporcionando apenas a uma minoria de privilegiados e parasitas todos os gosos da arte e da ciencia.

Nesse sentido, a civilização moderna colabora toda com os revolucionarios; e divulgar os seus beneficios, seja embora em proporções modestas, è tornar os homens insofridos do jugo, revelar-lhes plenamente a lealdade do existente, —o que, se não é tudo, é um primeiro passo para o desejo de uma transformação social.

«O homem habituado a lavar-se e que conhece todas as vantagens do asseio corporal—disse um dia Malatesta,—torna-se revolucionario no dia em que não possa comprar sabão».

Neno Vasco.

A nacionalidade é uma ficção absurda e perigosa; a ideia patriotica e a ideia religiosa são susperstições inventadas para conduzir e sustar o povo.

Kleurich

Documentos do Progresso

RUSSIA

A primeira communa obreira de Moscou

(Entre o proletariado russo especialmente entre as mulheres, existe uma profunda repulsão pelos serviços domesticos. Por tal razão é summamente interessante observar como nas communas obreiras russas, se vão desenvolvendo novas formas de organização social destinadas a substituir os velhos methodos de economia domestica. O seguinte artigo darà ao leitor uma idéa da primeira communa obreira de Moscou).

No coração da cidade está situada a primeira communa de residencias de Moscou. Comprehende um grupo de uns 20 casas e 4 ou 5 andares; eram conhecidas antes com o nome de «Casas de Bakhru» (o dono anterior). Agora teem o soberbo titulo de «Primeira Communa Obreira de Moscou».

Nos começos da revolução estas casas foram socializadas e entregues ao Syndicato d. p deiros para seu uso. Este, por sua vez, estabeleceu a Communa. Todos os departamentos, mesmo os que ficaram desoccupados pelos anteriores inquilinos, estão completamente mobilados. Os inquilinos receberam unicamente os commodos necessarios para as familias respectivas. Estes commodos foram entregues aos a outros trabalhadores e a funccionarios do Soviet. O aluguel é relativamente pequeno e está dividido em proporção entre todos os inquilinos: o aluguel aqui quer dizer apenas o indispensavel necessario para cobrir os gastos com a manutenção e conservação das casas.

A Communa é dirigida por uma commissão eleita cada seis mezes em assembléa de todos os inquilinos.

Tomam parte nesta commissão um mechanico, que se encarrega da conservação dos predios, e um medico, que vela pelas condições sanitarias da Communa.

São occupados outros homens encarregados de concertos, como carpinteiros, funileiros, etc, porem nenhum delles recebe dinheiro.

Existe na Communa uma padaria e um armazem, dependendo este da Liga Municipal de Consumidores. A commissão da Communa está representada em ambas as orgaüizações. Os membros da Communa tambem recebem cartões qee os autoriza a obter manufacturas textis. Tudo isto,—roupas, chapèos, sa atos, etc., são distribuidos por meio dos armazens da Liga Municipal de Consumidores. Podem tambem mandar concertar roupa, calçados, etc. Ademais, todas as casas teem luz electrica, gaz, podendo tambem os inquilinos obter provisão de combustivel.

Foi installada na Communa uma grande lavandaria, onde a roupa branca é cuidadosamente lavada a um preço muito reduzido. Uma cosinha commum e um grande refeitorio tambem commum, são outros aspectos interessantes da organização. As familias, se o desejam, podem servir-se nos respectivos departamentos. Não é preciso dizer que o bem estar das creanças não foi esquecido. Ha lugares especiaes para os pequenos como para os grandes. As mulheres trabalhadoras, ausentes do lar durante o dia não se preoccupam com o estado dos seus filhos: sabem que elles estão bem cuidados.

As casas estão situadas no centro de um jardim formoso e zelado com todo escrupulo. Aos domingos dão-se concertos e, algumas vezes realizam-se festas e pic-nics. Junto ao jardim existe um theatro (chamado «Casa de Pedro Alexinsky» em homenagem ao martyr da Revolução), onde frequentemente se representam e se dão funcções especiaes para as creanças; as reuniões semanaes tambem se realizam neste theatro.

A Communa estabeleceu uma confortavel sala de leitura e mantem uma importante bibliotheca. Um club dramatico e musical trabalha activamente. A alma de toda a Communa é, por certo, o elemento communista, que tudo estabeleceu e elevou ao actual desenvolvimento, e que mantem sempre a solidariedade e o espirito de auxilio mutuo.

Todos os membros da Communa estão obrigados a manter o asseio e a ordem dentro da Communa. Na primavera, quando os grandes blocos de neve accumulados durante o inverno, começam a derreter-se, compete a todos os membros se ajudarem na limpeza dos sitios.

Então, alegremente, tomam elles os instrumentos necessarios, e é um verdadeiro prazer observar a gente a rapidez e a bôa-vontade com que realizam a tarefa de utilidade commum.

E' realmente bello este ensaio de trabalho solidario.

As mulheres na Revolução russa.

(Das memorias do legionario checo M...)

...Iamos avançando, tudo caminhava bem, os bolshevistas não appareciam em nenhuma parte. De repente fomos surprehendidos por uns disparos de canhão. As bolas passavam muito alto e o tiroteio era descontinuo: certamente era um neophyto que manejava o canhão. Eu cheguei a vêr que era uma mulher. Ataquei pelo flanco e lhe dei ordem para que se rendesse. Não me obedeceu e continuou atirando. Eu não queria atravessar uma mulher com a bayoneta e por isto lhe bati com a coronha da espingarda. Ella estremeceu porem continuou atirando. Bati-lhe então com mais força e fil-a prisioneira. Mais tarde, quando travamos batalha, ella foi a enfermeira de nossos soldados. Depois do combate elles se reuniram para deliberar o que deveriam fazer com esta mulher. Pensavam fazer algo demasiado horroso para ser expresso em palavras.

Eu lhes disse resolutamente: «Não, rapazes, não o fareis senão passando por cima do meu cadaver».

Ella ficou com nós outros varios dias, porem eu sempre temia por sua segurança, pois já não podia estar sempre vigiando-a. Conduzia-a então perante o chefe e lhe disse que ella desejava ficar encarregada dos nossos feridos. Recebi porem ordem de fazel-a desapparecer do modo mais summario possivel. Chamei então dois soldados e ordenei que se preparassem para conduzil-a até os bosques; elles caminhariam detraz e em um lugar favoravel disparariam dois tiros de maneira que ella não suspeitasse. Disse-lhe que se preparasse, pois devia partir commigo. «Eu sei para onde me querem levar», disse com um sereno sorriso; «eu sei que querem matar-me». Neguei este proposito e lhe disse que iamos fazer uma investigação. Conduzi-a atravez dos bosques, conversando e dizendo que nada temesse.

De repente ouvimos o leve ruido produzido pelo levantamento dos gatilhos. Ella voltou e com a mesma serenidade me disse, sorrindo: «Ahi está; bem sabia eu que me conduziam á morte». Depois, dirigindo-se aos soldados e descobrindo o peito, gritou: «Atirai: podeis matar-me, mais não podeis matar o meu ideal!» Senti-me mortificado e não pude dar ordem de fôgo.

Ali, defronte a mim, estava uma mulher russa analphabeta, porem a quem a força da convicção transformava em uma santa, e eu... eu cria estar ajudando o povo russo...

«Voltemos, rapazes. Eu não farei tal coisa!», lhes disse. Voltámos. Levei a mulher para outro regimento, contando o succedido a um companheiro.

Este poude dar-lhe fuga para a cidade.

Depois de um certo tempo nós batemos em retirada: os communistas estavam victoriosos. Casualmente, emquanto retrocediamos, encontrei a mesma mulher na cidade. Ella me reconheceu immediatamente e me disse, sorrindo serenamente: «Não lhe disse eu, aquella vez nos borques, que o nosso idéal sahiria victorioso?»

Os meus olhos se encheram de lagrimas. E continuamos a retirada.

ITALIA

Cidadãos trabalhadores

A casa é um dos elementos principais da vida civil. A casa deve ser garantida a todas as familias, a todos os seres humanos.

Pelo contrario, hoje as habitações estão a mercê dum grupo de previlegiados: *os proprietarios privados.*

Devemos sair deste estado de servidão e fazer das casas um «serviço publica» como acontece já com a luz e com outros serviços semelhantes, já hoje postos em beneficio do publico. Nada temos a esperar da intervenção de ninguem que não seja o proprio inquilino. Portanto, cidadãos e trabalhadores, passemos dos protestos aos factos.

Declaremos as casas propriedade commum, consigamos a expropriação das casas recusando-se a reconhecer os seus atuais proprietarios privados.

As casas são de toda a comunidade. Em todas as casas ou predios devem reunir-se os respectivos inquilinos e constituir o «Conselho dos Inquilinos». Desde esse momento não devem ser reconhecidos nenhuns dos direitos dos actuais proprietarios. O «Conselho dos Inquilinos» deve encarregar-se de providenciar no sentido da manutenção do predio, isto é: limpesa, reparações e guarda. Quando o porteiro do predio não for garantido pelo respectivo sindicato a respeito da sua solidariedade com os inquilinos, deve este ser substituido por outra pessoa escolhida por aquele Conselho. Aplica-se o mesmo principio aos operarios encarregados da manutenção do predio. Em todos os quarteirões, ruas ou bairros devem reunir-se os representantes de todos os «Conselhos de Inquilino» para formar o «Conselho das Habitações». Terá este «Conselho» o fim de coordenar as mudanças de habitações, bem como o seu racionamento e justa distribuição.

Todos os inquilinos que quizerem fazer mudanças de casa devem dirigir-se ao mencionado «Conselho». Todas as vezes que vagar uma habitação, deve este facto ser communicado ao «Conselho das Habitações» pelo dos inquilinos. Para a mão de obra de reparação e respectivo material poderá ser encarregado tambem o «Conselho das Habitações» de obter uma unica *munição* em cada quarteirão, rua ou bairro. Para as despesas relativas á manutenção, limpesa e guarda, será criada uma caixa por cada bairro filiada no «Conselho das Habitações». O «Conselho dos Inquilinos» deverá providenciar no respeitante á cobrança por cada prédio.

Os preços dos alugueis serão reduzidos a metade dos atuais. Os fundos assim constituidos (alem das despesas de manutenção, limpesa e guarda) *deverão ser unicamente utilizados na imediata construção de novos predios* até se conseguir o descongestionamento ocasionado pelos sub-alugueis e a fim de providenciar quanto á amplidão dos compartimentos em relação com o numero de componentes de cada familia.

Se porventura se tentar obstaculizar de qualquer modo o exercicio deste *Direito* dos cidadãos, deverão estes em todas as casas defender-se fechando-se por dentro e preparando-se adequadamente.

A' obra! Não mais duvidas, nada de hesitar; os senhorios já reembolsaram usurariamente as despesas que em tempos fizeram e teem há demasiados anos chupado o nosso sangue!

Basta!

As casas devem ser de todos!

Cidadãos trabalhadores!

Expropriai as casas, restitui-as á comunidade!

Içae sobre eles as bandeiras da redenção proletaria!

A falta de espaço impede-nos de publicar a tradução dum outro manifesto intitulado: *Não pagues a renda da casa!*

O communismo na Italia

UM CASO CURIOSO

Entre os casos de comunismo agrario que se deram na Italia, merece especial menção o occorrido nas propriedades do marques Balbi de Piovera. O velho castelo do marques está situado nos arredores de Alexandria; rodeiam-no extensos jardins e residem neles as familias de aldeãos que até agora dependiam do marques. O movimento comunista iniciou-se porque tendo os aldeãos formulado um pedido de melhorias, não o entendeu o marques digno de resposta. O protesto dos aldeãos chegou aos ouvidos dum grupo de socialistas da Alexandria que aconselharam os trabalhadores rurais a apoderar se das terras, para obrigar o marques a arrendar-lhas.

Os aldeãos tomaram posse das terras e das sementes da ultima colheita, armazenadas ainda em várias dependencias do castelo, e imediatamente enviaram um «ultimatum» ao proprietario: «arrende-nos as terras—diziam eles—e dar-lhe hemos a quarta parte das colheitas. Os titulos de propriedade continuarão em seu poder».

O marques pensou em repelir a formula: mas os aldeãos não cederam e, quarenta e oito horas mais tarde, firmou-se um contrato em Alexandria, no qual se determinavam as futuras relações entre os colonos e o proprietario. Até esse momento os rurais venciam um salario de 14 liras, mas diziam não poder com esta quantia prover ás suas necessidades.

As imensas propriedades do marques de Piovera estão hoje sob a administração duma cooperativa operaria. O marques comprometeu-se a dar um salario nominal aos trabalhadores, durante as èpocas intermedias das colheitas.

Estas vender-se hão no mercado com a intervenção da cooperativa e do marques 75 por cento do produto total serão adjudicados aos operarios: desta quantia serão deduzidos os adiantamentos feito aos aldeãos pelo marques; os restantes 25 por cento ficam para o proprietario, competindo a este a compra, por sua conta, dos aparelhos de lavoura, o pagamento de contribuições, o fornecimento de gado, e o abono da metade do custo do grão para as sementeiras.

No momento em que se firmou este contrato, os aldeãos arriaram a bandeira vermelha que se hasteara no castelo e volveram ás suas habituais ocupações, como se nada houvesse sucedido.

Uma das ultimas paginas DE NENO VASCO

Tomada á letra, a formula colectivista é naturalmente, impraticavel. «A cada um o produto do seu trabalho», ou «segundo o seu trabalho». ¿Mas como se há-de destrinçar, na extrema complexidade e emmaranhamento da produção moderna, a parte que cada um toma na elaboração do produto? ¿Como se ha-de obter para isso uma medida comum, se o trabalho individual varia de intensidade, de valor e de esfôrço na unidade de tempo? ¿E como se há de determinar, portanto, um valor de troca?

O lema, porèm, é susceptivel de outra interpretação. Ele afirma, no seu intimo, o direito do productor a gozar o fructo integral do seu esforço, a não se deixar explorar, a repelir o crime de parasitismo. «Aos trabalhadores e só a éles, o produto do seu labor». Ou, segundo a tradução russa: «quem não trabalha, não come».

Rejeitando do seu seio o ocioso, negando-lhe as suas vantagens e garantias sociais, a sociedade nova não exerce violencia alguma, pois a ninguem recusa o direito ao trabalho, e á disposição de cada um põe os meios e instrumentos necessarios. O trabalho não é uma imposição do homem, é uma necessidade natural; e o ser valido que a ele se subtrai, descarregando-o sobre os ombros dos restantes membros da comunidade,—ainda que o seu parasitismo não vá, como hoje, até ao do capitalista, que limita a produção e mantem um estado de constante carestia,—pratica um acto anti-social contra o qual a comunidade se acha em estado de legitima defesa. Nem lhe cabe levantar a minima queixa, em vista do seu direito ao uso dos meios de propuzir, que lhe permite ir trabalhar á parte e a seu modo, só ou com os seus seguidores.

A formula comunista é, sem duvida, infinitamente mais justa e livre. O sentimento da sua justiça superior é, aliás, já antigo nas sociedades e no seio delas tem recebido aplicações fragmentarias ou impuras, apesar dos privilegios reinantes, apesar das situações e sinecuras de favor, apesar do parasitismo burocratico.

«De cada um segundo as suas forças»: é a expressão trabalho do voluntario. Entretanto, é preciso adaptar o esforço colectivo ás exigencias da produção para que sejam satisfeitas as necessidades gerais, e então pode chegar o momento em que embora tendo sempre em vista as forças de cada um, é necessario pedir um sacrificio suplementar, que não pesará exclusivamente sobre uma classe de homens, mas será equitativamente distribuido por todos, menos pelos incapazes.

«A cada um segundo as suas necessidades» é a expressão da igualdade. Desigualdade seria satisfazer do mesmo modo, com igual ração, necessidades desiguais.

Mas e evidente que se trata das necessidades comuns, para cuja satisfaçã a comunidade organiza os serviços publicos. As necessidades individuais são ilimitadas, e se a sociedade pretendesse satisfazer todas as necessidades particulares e restrictas, as secundarias e as de fantasia, as que não são gerais ou em quanto o não são, prejudicaria certamente a produção essencial e pediria aos seus membros um esforço excessivo. Essa tarefa deve ficar entregue á iniciativa, cooperação e labor dos proprios interessados, fora da quota-parte de serviço que tomaram o empenho de prestar à comunidade.

Em conclusão e resumindo tudo: quanto maior fôr a abundancia, mais facil será a aplicação da formula comunista. Mas a abundancia tem a nova sociedade que a criar (e só ela a pode criar) exigindo sacrificios ao trabalho e restricções ao consumo. A sociedade burguesa deixa-nos uma pèssima herança.

(Da «Concepção anarquista do sindicalismo»).

Já não ha patria; de um a outro polo não vejo mais que tiranos e escravos.

Diderot

ESFUZIADAS

I

Velho X P T O

Devo principiar por onde?

Faço-te esta pergunta porque bem sabes o que mais me impressiona e quaes os teus assumptos prediletos no borborinho dessa «Veneza Americana», sempre agitada e bella.

Certo, deste meu retiro, longe bem longe dahi, privado da prosa sublime do amigo, para quem a vida é um encanto sempre renovado; apezar da crise implacavel e do mau humor da epocha,—sim, digo, d'aqui eu devia fallar-te na epistola com que inicio esta serie, somente em couzas alegres e bôas, que te divertissem, que te impressionasse tão suavemente como um canto de muza, uma symphonia celeste.

Mas, meu caro, a tanto não se aventura esta rude penna, pincel de humilde artista sem a maestria precisa para pintar o sublime, para os lavores perfeitos, para os coloridos impeccaveis.

Os tons encantadores estarão portanto longe de meu alcance, estimando por não ir além do realismo, trabalhando sempre no mais simples, no menos aparatoso e berrante.

Entretanto comecei por intitular esta serie de epistolas—esfuziadas, como se tudo isto fossem fortes lufadas do nordeste, ou cavalgadas de guerreiro na loucura da peleja, presidida pelo inexoravel Marte, com o implacavel Destino em frente!

O nome, porém não é bello, e se tem algo de sublime—é do «sublime horrivel» da tempestade do furacão!

Depois disto comecei por chamar-te velho, o que talvez não te agrade, pois a verilidade é sempre o predicado a que se dá mais preço entre a animalidade do fim do seculo!

Mas, o amigo não é um velho, desses de barba branca, andar tropego, cajado na engelhada mão! Isto para um homem do teu temperamento seria um suicidio, um izolamento intoleravel longe dos attrativos de Venus a quem teces os mais affectuosos madrigaes, como bohemio que és amante das louras e ternas filhas de Apollo.

O sentido da tua velhice é outro, bem já o comprehendeste, perspicaz como és. Chamei-te velho, porque ha muito, desde os teus annos de mocidade, que te tornaste excentrico, e conhecendo tão profundamente os homens e as couzas, como os que muito já viveram muito já soffreram, muito já soffreram. E's um moço velho, se me permittem o paradoxo. Velho amigo, porque desde os nossos mais verdes annos commungamos a hostia sacrosanta da amizade mais perfeita.

Encontro-te atravez de todas as peripecies da minha vida agitada, na mascula plenitude de velho batalhador, amigo da Sciencia, a quem veneras e do pensamento livre a quem cultües com acendrado ardor.

Neste ponto és de uma tempera admiravel atacando desde a infancia os erros, os embustes e a hypocrisia do clero—dese clero de vida nababesca, que explora a ignorancia dos povos com promessas vãs de céos imaginarios.

Vendo esses parasitas sociaes, de sacola na mão pedindo ao pobre mizeravel o ultimo pão que lhe resta e dizendo que «quem mais soffrer aqui mais goso terá no céo,» devemos adoptar o teu lemma rubro: «Pelo idéal e pelo bem, contra tudo e contra todos».

Christo—o Christo que tem sido o pretexto para tantas explorações, tantas mizerias, tantos, crimes,—certo tinha em lettras de fogos escriptos na alma augusta aquella sentença sublime,—quando cheio da colera do revoltado, penetra no templo, e azorragando os vendilhões, expulsa-os dos lugares sagrados!

Se mesmo nada mais tivesse feito esse humilde revolucionario da Galiléa, bastaria aquelle gesto, symbolizando a virtude revoltada contra os traficantes, contra os embusteiros,—para recommendal-o até os confins do mundo como um justo, um bom que na terra só praticou actos dignos e nobres.

Oxalá que um novo Christo apparecesse! Certo, seria crucificado pelos phariseus catholicos!...

Mas, tenhamos certeza que um novo Christo—concretisando o ideal de liberdade—está em formação e vae se manifestando no mundo inteiro, não tão puro como o outro, mas com a energia bastante para repellir todos os mercadejadores dos templos.

E' o espirito livre!

Vale.

Escribas.

Ser patriota é desejar que a patria enriqueça pelo comercio e seja poderosa pelas armas; é desejar o mal dos vizinhos.

Voltaire

No ha o direito de opór os interesses da Patria aos interesses da Humanidade.

Emilio Castelar

Deus da folia

Momo, se aproxima de nós; as sociedades carnavalescas, são as unicas que teem actualmente todo o apoio dos poderes constituidos desta terra, porque os seus adeptos nenhuma idéa mais teem a não ser cantar, saltar como uns verdadeiros loucos ao som de uma orchestra. Nada exigem, porém sacrificam tudo até a propria dignidade e a honra, afim de satisfazer, seja qual for, a deliberação tomada pelos dirigentes do club a que pertencem.

Os foliões, são na sua maioria operarios inconscientes que esquecidos do passado, mulheres e homens, entregam-se a esta desbragada brincadeira, e só depois de passados os 3 dias venturosos para elles, é que vão reflectir no que fizeram, porem já tarde.

Os syndicalistas, quando os generos de primeira necessidade sobem de preço, muitas vezes são forçados a lançar mão da greve que é um direito, e mesmo é a unica arma que possuimos, exigindo dos patrões um piqueno aumento de salario, que quer dizer mais um pedaço de pão para remir as suas necessidades. Algumas vezes vão á praça publica reafirmar os seus protestos contra este commercio ladravaz, unico causador das nossas miserias, julgando que os deserdados da fortuna, tambem gosam nesta terra dos direitos garantidos por esta força que ahi existe chamada constituição de 24 de Fevereiro. Hoje porem, os trabalhadores não só do Recife como de todo o universo, já estão convencidos do seu engano. Por mais pacifico que seja o nosso movimento, a imprensa mercenaria, inimiga dos trabalhadores, nos faz as maiores das accusações, e logo temos as nossas sédes fechadas, arrebentados os moveis pela policia, os camaradas presos e surrados a umbigo de boi e borracha nos fundos dos quarteis como succedeu no dia 26 de Setembro passado, por occasião da greve da Construção Civil. Ao passo que os foliões nada exigem, mas para sahir á rua em qualquer occasião, é preciso mettel os dentro de uma escolta de cavallaria para evitar reproducções de novos crimes no encontro com outros clubs. Ainda assim, estas sociedades teem licença para sahir á rua quasi o anno inteiro porque a sua licença deixa alguns lucros para o estado. Não é uma critica que fazemos dos seus costumes, mas conhecendo de perto todo o passado, dizemos a verdade e provamos com os factos. E' repugnante; faz adimirar que na epoca actual, em pleno seculo 20, ainda se encontrem trabalhadores fartos de comprehensão e de sentimentos idignos! A presença da força nas suas brincadeiras não os coage; sempre alegres e dispostos, chamam a esta opressão disfarçada garantia, quando nós os conscientes chamamos ás suas fraquezas vergonha das vergonhas.

Anacleto S. Reis.

Imitemos os Russos

O mundo convulsiona-se duma forma explendida para a nosse maneira de ver; já pela consciencia que o proletariado europeu vai adquirindo como pela forma verdadeiramente emocionante com que teem agido as forças dos trabalhadores russos.

Na Russia, nessa grande nação ora calumniada por todas as individualidades da imprensa mercenaria, vemos que existe um grande enthusiasmo no sentido de defender a Revolução; elles como nunca estão fortes e conscientemente unidos para rebater as ultimas cartadas que serão jogadas pelos loucos de casaca, que hoje dominam dubiamente o mundo, julgando-se capazes de o concertar.

A revolução, que, pôz nas mãos do proletariado a direcção da sociedade, tanto politica como economicamente, rebentou em consequencia da guerra que convulsionou o mundo inteiro; foi contra ella que surgiram os primeiros gritos de revolta, e entretanto é forçada a guerrear o mundo inteiro porque pretendem esmagal-a: mas se ella protestou contra a guerra para que continua guerreando»? Eis a pergunta que nos fazem os despeitados: á qual podemos responder com muita logica. A guerra que rebentou em agosto de 1914, era a guerra negra era a guerra em que se defendiam interesses alheios ás classes pobres e a guerra que os russos sustentam é a guerra vermelha; é a guerra de defesa contra os ataques idiotas dos polichinellos ao serviço da burguezia europea; é a defesa dos interesses collectivos de todas as communidades da grande nação que parece estender-se pelo mundo inteiro é a defesa do proprio em. Na guerra negra existe a disciplina; a disciplina quer dizer vontade de outro; na guerra vermelha ha uma vontade propria e por isso os revolucionarios russos são invenciveis: elles luctam com todo o sabor que lhes dá o enthusiasmo de que defende a sua propria vida.

O mundo inteiro ficará convencido de que a força dos trabalhadores não será abatida com a calumnia nem com a violencia policial: quanto maior for a reacção mais coesa se torna a sua força.

A revolução russa foi gerada de reacção czarista infundida pelos burguezes do resto do mundo provocará indubitavelmente a revolução mundial que jogará por terra todas as instituições que compõem o organismo burguez baseado na exploração do homem pelo homem.

Não deve portanto o proletariado, desanimar cada vez que a policia praticar violencias contra as corporações obreiras; devemos estar certos que quanto maior numero de vezes ella for praticada maior será o numero dos desiludidos e dos descontentes que hão de ingressar nos novos organismos, que surgirão com uma nova forma de defesa porque a isso são forçados. Das licções é que se aprende.

A reacção burgueza è a violencia imbecil; a nossa reacção deve ser a revolução consciente. Elles favorecem meia duzia de apaniguados nòs favorecemos a nossa grande legião de famintos, favorecemos á Humanidade.

Manuebio Josue'

A febre commercial desenvolvne ainda outros males e tão horriveis como são as carnificinas guerreiras.

Ch. Letourneau

As caçadas humanas

O Recife não é arborisado, escreve de quando em quando, um senhor A. Fernandes, no DIARIO DE PERNAMBUCO. E' uma cidade onde mais se sente os horrores da canicula! Transforme-se isto num bosque cerrado, num cipoal emmaranhado onde possam viver os tigres e os chacaes, dizemos nós.

Concordo com o que ironicamente diz aquelle jornalista, pois só numa terra coberta de mattas seculares, se pode tolerar as caçadas humanas, como soe acontecr nas entranhas de Matto Grosso, onde qual moderno Anchieta penetrou um destemido coronel, cujo nome se parece com a *ronda* silvestre que por aquellas paragens fez, no intuito de chamar á civilisação uns milhares de selvagens, os genuinos brazileiros, unicos que se podem orgulhar deste nome, para contribuirem com 70% do seu trabalho a fim de se manter as classes parasitarias, nossas conhecidas.

Mas, que deshumanidade! deixem essa preciosa reserva da gente do Brazil, sem conhecer o que é a dor de extirpar o nervo de um dente cariado; ignorando os mil vicios dos homens encartolados; não assistindo as chacinas e mil outros crimes praticados pela *sociedades policiadas*...

Gritam unanimemente os jornaes desta Capital: a policia de Victoria, assassina um homem; pedem providencias ao substituto, fazem um escarceo maior que um hemispherio!...

Após as accusações feitas ao delegado de Victoria, surgem os elogios a um delegado da Capital que, em peiores aggravantes, pratica outro assassinato na pessôa de um «Piloto,» no Capibaribe; outro, num gatuno, no destricto do Arruda, do municipio de Olinda, e, a seguir as instrucções do presidente d'sta ré publica, que ordenou «dar caça ao banditismo», (logo que deu collocação remuneradora aos seus parentes de Umbuseiro, onde exerciam esse nobre e arriscado meio de vida) teremos um homem morto por furtar um cacho de bananas, ou uma gallinha, as vezes, em circumstancias que faz dó descrever, emquanto nas praças, campeiam os mais cynicos ladrões de milhões, refestellados nos seus luxuosos automoveis, affrontando os cadaveres dos famintos assassinados porque um pão furtaram!

Oh! Lenine! ajuda-nos ao menos a conquistar os «cem annos de perdão»...

Pescador

A guerra é a escola da tirania. Os louros de Napoleão foram para a emancipação europeia um seculo de atraso.

Boucher de Perthes

REFLECTINDO

Reflectir é o que devemos fazer, sempre que haja um facto passivel de uma reflexão.

Temos em tudo que nos envolver, uma historia, que bem analysada, isto é, bem reflectida saberemos em que lado faz a verdade.

Es a historia è, nada mais nada menos, a de um operario que levando uma vida de quinze annos de trabalho, vê se, depois dessa terrivel jornada, a borda de um sinistro abysmo, cavado pela vaidade de outra pessoa que, sem refluir, procura, com o seu orgulho, rebaixar, amesquinhar, fazendo daquelle operario um instrumento, para as paixões neurasthenicas de sua pessôa.

Se reflectissem ambos, não obregariam á voragem do crime.

O movimento circular de uma corrente odiosa, causada por falta de um tratamento capaz de produzir um respeito reciproco, faz rebentar a rebellião dos amesquinhados.

E' isto que vemos por ahi foras. Alli, um patrão, porque tem largos fundos, trata com um desprezo terrivel áquelles que na extenção da verdade, lhe sustentam. Palavras indecorosas, proprias do vocabulario messalinico, sahem em offensa á honra do operario, que o unico crime que possue, é o de ser explorado.

Ora, este operario tem amor proprio, não é logico, portanto, que alem de pobre, veja o seu pequeno nome atirado ao caminho ignominioso da deshonra. E dahi vem o crime.

Não faltará agora, depois de consumado o crime quem não diga:—com todo apparato colerico oh, que monstro! Como se mata um homem tão bom! E sem reflectir um momento, botam a verdade no ponto do abusivo burguez.

E' lamentavel ainda, tocar-se em as umptos relativos a crimes, mas, que fazer, a sociedade portentada assim o quer, não é que nós, operarios conscientes, desejemos isso, não, absolutamente não desejamos que esta sociedade humana retroceda do caminho em que segue.

Lamentamos bastante quando tomba, no vigor da vida, um ser que, purificado daria bons productos a nova sociedade futura.

Ninguem tem o direito de matar tambem ninguem tem o direito de amesquinhar, esbordoar, praticar toda sorte de violencias emfim.

Para, violencia outra violencia, assim diz, a sociedade actual.

O que devemos fazer, em synthese, é reflectir o mais que pudermos.

O ouro dá orgulho àquelles que de natureza má, pois bem, batemos, por meio de palavras, elles no caminho do bem, para que percam essas ideas violentas.

O que é a sociedade se não uma sò familia?

O que tem um corpo humano mais do que outro?

Responder nos ão: intellectualidade, riqueza, orgulho etc.

Retrucaremos: porventura tudo isso não o é collectivo?

Pois bem, retiraremos o orgulho e a riqueza monopolisada e faremos uma bella trindade, que é:

Igualdade, fraternidade e humanidade.

Eis a verdadeira riqueza e não haverá mais crimes.

Monte-Verde

PEDIMOS aos camaradas que estiverem atrazados em suas contas com a "HORA", que venham saldal-as o mais breve possivel, a bem do equilibrio financeiro da mesma.

A Gerencia

Expediente

REDACTOR-PRINCIPAL

Syndulpho Correia

GERENTE

Pedro de França

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Por anno	6$000
Por semestre	4$000
Numero atrasado	$200
Numero avulso	$100

Pede-se aos secretarios syndicaes o obsequio de fornecerem notas, communicações e avisos, até sexta feira as 12 horas.

Toda collaboração deve sér endereçada ao camarada Director.

Toda correspondencia deve ser dirigida ao camarada Bruno Duarte Praça do Carmo 107, andar terreo